

As relações entre trajetória e memória no estudo das biografias sobre Carlos Sampaio.

ADAUTO TAVARES ARAUJO*

A expansão imperialista, uma das consequências da Segunda Revolução Industrial, empreendida pelos países centrais na busca de novos mercados para importação de matérias-primas e exportação de produtos manufaturados, é associada no Brasil ao desenvolvimento dos projetos de remodelação urbana, a partir da década de 1880. Nesse sentido, as reformas foram o meio encontrado pela elite brasileira de melhorar o escoamento de produtos agrícolas e, ao mesmo tempo, instalar um novo projeto de urbe, inspirado nas grandes metrópoles europeias, como Paris.

Segundo a historiadora Marly Motta, as reformas urbanas devem ser entendidas como:

(...) uma resposta às necessidades da “face urbana” das atividades agroexportadoras, em função da inserção do Rio na economia mundial como exportador de produtos agrícolas e importador de toda sorte de manufaturas. Finalmente, houve a tentativa de implantação de novas “usanças e costumes” nesse espaço remodelado segundo padrões vigentes nas cidades consideradas civilizadas (MOTTA, 2004:3).

Deste modo, entendemos que as intervenções urbanas estão inseridas no debate de ideias em torno do tema da *modernização*¹ do país. Os engenheiros formados na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e membros do recém-criado Clube de Engenharia enxergavam nas reformas urbanas o meio necessário para a afirmação de suas aptidões e anseios de mudança (KROPF, 1996:179).

A presente comunicação tem por objetivo analisar as representações sobre o engenheiro Carlos Cesar de Oliveira Sampaio (1861-1930), a partir de duas

* ARAUJO, Adauto Tavares. Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHS – UERJ/FFP), sob orientação da Professora Doutora Maria Letícia Corrêa. Bolsista Capes. Email: adautohist@gmail.com

¹ Segundo Marshall Bermann, entre os séculos XVI e XX o mundo acompanhou uma série de mudanças, como por exemplo, o advento do capitalismo, as revoluções políticas, a revolução industrial, a explosão demográfica, a expansão capitalista para as regiões periféricas, que transformaram as relações de trabalho, cultura e política das sociedades ocidentais. Tais alterações estão relacionadas com o processo de modernidade, que, como ressaltou Bermann, *despeja homens e mulheres num turbilhão de permanente desintegração e mudança*, sendo os processos que dão vida a esse turbilhão chamados de *modernização*. BERMANN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 24

homenagens publicadas na imprensa do Rio de Janeiro: a primeira divulgada pelo *Jornal do Commercio*, em edição especial sobre os festejos do Centenário da Independência, em 1922; e a segunda em comemoração ao centenário de nascimento do engenheiro, em 1961, da *Revista do Clube de Engenharia*, além de apresentar alguns traços da trajetória do engenheiro, que esteve marcada pela ação de Sampaio nos debates sobre os melhoramentos urbanos.

O trabalho estrutura-se em três partes: na primeira daremos destaque aos debates sobre as reformas urbanas do Rio de Janeiro, na Primeira República, o qual Carlos Sampaio esteve inserido. Em um segundo momento, apresentaremos a trajetória do engenheiro, realizando alguns apontamentos sobre a sua produção intelectual. Por fim, a última parte deste artigo consiste em uma análise das duas homenagens produzidas sobre Sampaio, que tinham por objetivo consolidar uma memória positiva do engenheiro.

O Distrito Federal sob a ação dos engenheiros: a era das reformas na Capital

Intelectuais e políticos formularam, durante o século XIX, dois postulados importantes: o primeiro era baseado na ideia da existência de um caminho da civilização a ser seguido, enquanto o segundo afirmava que a nação alcançaria a prosperidade e a grandeza através da solução dos problemas de higiene pública. Estes postulados permitiram a formulação da *ideologia da higiene*, que, contando com a adesão de médicos, engenheiros, políticos e governantes, formavam um conjunto de princípios que, supostamente, levariam o Brasil à civilização e ao progresso (CHALHOUB, 1996:35).

Conforme apontou André Nunes Azevedo, a ideia de civilização, em fins do século XIX, está relacionada ao progresso material, sendo uma ideia que o Ocidente tem de si mesmo e que seria um movimento que vai trazer melhorias a todas as partes do mundo e com o aperfeiçoamento constante e infinito, o homem estaria fadado ao progresso (AZEVEDO, 2003:31).

A gestão de Francisco Pereira Passos na Prefeitura do Distrito Federal, entre 1903 e 1906, marcou o início das intervenções que buscavam alterar de forma significativa a estrutura da cidade, alterando assim a fisionomia da urbe. Jaime Larry

Benchimol ressalta que tais mudanças tiveram o efeito de um “terremoto” na vida da população carioca (BENCHIMOL, 1992:13). Ressaltamos que as mudanças no Rio de Janeiro não estavam relacionadas apenas às questões estruturais, como mudanças em suas vestimentas e rotinas. Nicolau Sevcenko nomeia esse conjunto de modificações de *regeneração* (SEVCENKO, 1998), inserindo as reformas urbanas em um processo ainda mais amplo de transformações nos costumes da cidade.

As reformas eram defendidas pelos engenheiros como sendo necessárias para melhorar a vida da população e visavam dar um novo aspecto à antiga capital do Império, então capital republicana. Essa categoria profissional se apresentava como indispensável ao bom andamento das reformas, tendo em vista que se via e era vista como portadora do saber competente sobre o reordenamento da cidade. Sendo o debate sobre as reformas urbanas foi utilizado pelos engenheiros como:

um espaço privilegiado para a construção e afirmação de sua identidade intelectual e social específica como agentes diretos do programa de estruturação de uma nova ordem na sociedade brasileira; uma ordem que, para os propagandistas da modernização, regeneraria o país adequando-o aos ideais do progresso e da civilização(KROFF, 1996: 180-181).

Os engenheiros se utilizavam do discurso que a cidade tinha má circulação do ar e de pessoas recomendando, por esse motivo, a destruição de alguns morros, como o Morro do Castelo e o Morro do Senado, o alargamento de ruas, e a abertura das novas e largas avenidas, como por exemplo, a Avenida Central, além da remoção dos cortiços.

O Rio de Janeiro não foi escolhido por acaso para ser o laboratório das transformações, além de ter um porto importante para o escoamento dos produtos, a cidade crescia exponencialmente. A capital deveria se apresentar como vitrine do progresso brasileiro para os visitantes estrangeiros. Segundo Turazzi,

(...) imbuídos da determinação de regenerar a cidade, esses engenheiros, sob a presidência de Rodrigues Alves, decretaram a destruição dos sinais mais evidentes daquela cidade “que tanto nos envergonhava” e que impediam que o Rio de Janeiro se transformasse numa metrópole avançada, digna da condição de capital da República, ou, em poucas palavras, num símbolo de prosperidade do país para as nações do globo (TURAZZI, 1989:3).

Carlos Sampaio se formou em meio aos primeiros projetos de remodelação urbana do Rio de Janeiro. Além disso, o engenheiro tem a sua trajetória intelectual e profissional imbricada com os melhoramentos da cidade, que buscavam adequar o país aos termos da civilização e do progresso ditadas pelas metrópoles europeias.

A trajetória do engenheiro na cidade em transformação: Carlos Sampaio e o Distrito Federal (1861-1930)

No presente trabalho, entendemos que a trajetória do biografado não deve ser vista a partir de um olhar simplificador, que limita e baseia a biografia em um começo, meio e fim do biografado, deixando escapar as especificidades do personagem. A trajetória é marcada por descontinuidades, formada de elementos justapostos, que surgem de modo aleatório (BOURDIEU, 1998: 185). Sendo assim, é indispensável reconstruir o contexto, ou seja, a superfície social em que age o indivíduo em sua pluralidade de campos. (BOURDIEU, 1998: 185). Desse modo, apontamos que Carlos Sampaio não deve ser lido apenas como um empresário ou somente engenheiro. A sua atuação foi polivalente, porque além de ter atuado como professor, empresário e engenheiro, ele assumiu a função de *intelectual*² junto à sociedade civil.

Carlos Cesar de Oliveira Sampaio nasceu em 13 de setembro de 1861, no Rio de Janeiro, filho Joaquim José de Oliveira Sampaio, comerciante português, e Rosa Julia de Oliveira Sampaio. Foi matriculado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 1875, se formando em engenheiro geógrafo e civil e bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas cinco anos depois, em 1880. No mesmo ano, Sampaio foi um dos fundadores do *Club de Engenharia*, se tornando sócio benemérito da instituição, que foi criada para defender as áreas de atuação da engenharia nacional.

² Entendemos que, através do uso de suas aptidões, Carlos Sampaio formulou um discurso favorável às reformas urbanas, em uma tentativa de impor um projeto que era compartilhado por outras categorias intelectuais e profissionais, como médicos, políticos, outros engenheiros, e também por investidores nacionais e estrangeiros. GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere: Caderno 12 (1932): *Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais*. Edição e Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 3.

Em 1881, Carlos Sampaio foi aprovado em segundo lugar no concurso para Professor de Mecânica Aplicada às Máquinas da Escola Politécnica, sendo nomeado professor substituto efetivo da cadeira, o primeiro lugar neste concurso foi o engenheiro Paulo de Frontin. Carlos Sampaio também lecionou Matemática na Escola Naval, a partir de 1884 e com 23 anos, o engenheiro era professor das duas instituições de ensino superior de maior prestígio no Brasil.

Após a reforma do currículo da Escola Politécnica, em 1896, Carlos Sampaio se tornou professor catedrático de Mecânica Aplicada, se aposentando em 1925 (TELLES, 1994:175). Carlos Kessel aponta que a educação deve ser vista como uma das poucas vias de ascensão social abertas aos filhos das camadas médias urbanas, como era o caso de Carlos Sampaio. (KESSEL, 2001:27).

Carlos Sampaio casou-se com Rosa May Goodwin e teve três filhos: Paulo de Oliveira Sampaio, Luis Rafael Oliveira Sampaio e Rosa Antonia de Oliveira Sampaio. Os filhos receberam o nome de dois grandes amigos engenheiros de Sampaio: Paulo de Frontin e Luis Rafael Vieira Souto, sendo este o responsável pelo convite a Sampaio para participar das obras de desmonte do Morro do Senado, em 1887, sendo a primeira inserção de Sampaio nas obras sob a rubrica de melhoramentos urbanos. O intuito deste empreendimento era gerar lucros com a venda de terrenos resultantes do desmonte e também nas áreas que seriam aterradas (PINTO, 2011:217).

O engenheiro Paulo de Frontin prometeu ao imperador Dom Pedro II, em 1889, resolver o problema de abastecimento de água no Rio de Janeiro em apenas seis dias. Frontin convidou Carlos Sampaio para chefiar uma turma de oitocentos trabalhadores que eram responsáveis pelo reconhecimento dos terrenos para a colocação de dutos de água (KESSEL, 2001:28).

A *Empresa de Obras Públicas do Brasil*, na figura de Buarque de Macedo, convidou Sampaio para assumir a direção técnica dos serviços telefônicos da cidade do Rio de Janeiro (PINTO, 2011:217). Fundou ao lado de Vieira Souto e Paulo de Frontin, a *Empresa Industrial de Melhoramentos do Brasil* que tinha por objetivo atender empreendimentos ferroviários, atividades de colonização e projetos relacionados com a remodelação urbana do Rio de Janeiro, como o Cais do Porto. A crise do encilhamento interrompeu as atividades da empresa. Entre 1892 e 1901, Sampaio presidiu a empresa *Melhoramentos de São Paulo*.

Em 1890, Carlos Sampaio obteve a concessão de arrasamento do Morro do Castelo. A ideia de demolir a montanha era partilhada por uma série de engenheiros e sanitaristas que acreditavam que com a medida estariam resolvendo parte das questões sanitárias e urbanas do Rio de Janeiro. Prática comum no período, a entrega de concessões era a forma pela qual o Estado buscava viabilizar os empreendimentos de saneamento e modernização da cidade, com a mínima participação de verba pública possível.

Em artigo publicado em 1923, intitulado como *O arrasamento do Morro do Castelo*, Sampaio mostrou o seu descontentamento com a impossibilidade de ter demolido o Castelo nessa primeira oportunidade:

(...) eu mesmo, em 1891, obtive do Governo Provisório uma concessão que teria provavelmente sido levada a efeito, se o crack, que se seguiu a época denominado de encilhamento, não tivesse impedido a Empresa do Arrasamento do Morro do Castelo o levantamento do capital necessário para tão útil empreendimento (SAMPAIO, 1923:4).

A posse de Rodrigues Alves na presidência da República, em 1902, além da nomeação de Francisco Pereira Passos, também engenheiro, para a prefeitura do Distrito Federal, em 1903, marcam o início das grandes reformas que a Capital Federal iria sofrer a partir de então. Os investidores estrangeiros entendiam que as obras de remodelação, saneamento e embelezamento da cidade, possibilitavam uma chance concreta de investimentos lucrativos, tendo em vista que houve a criação de novas condições para expansão e a modernização de diversos serviços urbanos.

Ao se instalar no Distrito Federal, em 1905, a *Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Company Limited*, também conhecida como *Rio Light*, levantou cinco milhões de dólares junto a investidores estrangeiros e obteve a concessão de serviços voltados à modernização da cidade, fazendo-se necessária a presença de algum intermediário entre a empresa e os governantes brasileiros (WEID, 2008:37). Carlos Sampaio podia desempenhar este papel, porque reunia, ao mesmo tempo, os conhecimentos técnicos e os contatos políticos necessários para mediar a aquisição das concessões (KESSEL, 2001:34).

Aliando os seus conhecimentos técnicos aos seus contatos políticos, Carlos Sampaio passou a atuar como meio de ligação entre os governantes, que controlavam o

Estado e o repasse de concessões, e investidores estrangeiros, que buscavam financiar os melhoramentos do Distrito Federal, em busca de lucros para suas empresas. O engenheiro adquiria algumas concessões, como, por exemplo, a construção de um railway submarino que ligaria a capital a Niterói, e depois partia em busca dos financiadores que viabilizariam os empreendimentos. No caso do railway, Carlos Sampaio até realizou alguns estudos, mas não encontrou investidores que viabilizassem o empreendimento.

Percival Farquhar e Frederick Pearson eram dois investidores estadunidenses que mantinham relações próximas a Carlos Sampaio. A análise das cartas trocadas entre o engenheiro e os empresários, que estão disponíveis para consulta no *Arquivo Carlos Sampaio*³, nos mostra que Sampaio buscava obter uma série de vantagens junto ao poder público para esses empresários, com o objetivo de garantir a lucratividade dos negócios da Light no Brasil.

Carlos Sampaio tinha como função supervisionar levantamentos e estudos de viabilidade dos projetos e buscar as melhores condições de negócios para a empresa. Em uma espécie de recompensa pelos serviços prestados, foi contratado, em 1908, para gerenciar os serviços da *Brazil Railway*, uma das companhias do grupo de investidores reunidos na Light (KESSEL, 2001:34). Sampaio se afastou da *Brazil Railway* em 1914. No mesmo ano, tornou-se presidente da *Porto of Rio de Janeiro*, se afastando da empresa em 1918, ano em que mudou-se para Paris com a sua família.

Após passar uma temporada de dois anos em Paris, Carlos Sampaio voltou ao Distrito Federal para reassumir a sua vaga como professor da Escola Politécnica e da Escola Central, também representando o país em uma série de eventos no exterior. Em junho de 1920, após a renúncia de Sá Freire, o engenheiro aceitou o convite e assumiu o cargo de Prefeito do Distrito Federal.

A nomeação de Carlos Sampaio ainda é marcada por diversas questões, como por exemplo, o fato do engenheiro não ter tido uma carreira política. Kessel aponta que a nomeação pode ter sido um aceno do presidente Epiácio Pessoa ao engenheiro Paulo de Frontin, político do Partido Republicano do Distrito Federal (KESSEL, 2001:22).

³ O *Arquivo Carlos Sampaio* está disponível no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro.

Surama Pinto destaca que um dos fatores para a nomeação de Sampaio foi a sua amizade com Eptácio Pessoa, presidente da República e responsável por realizar a nomeação dos prefeitos do Distrito Federal, que posteriormente seriam referendadas pelo Senado (PINTO, 2011:216).

Além desses fatores, apontamos que Carlos Sampaio tinha a sua trajetória marcada por obras de melhoramentos urbanos, sendo a sua nomeação um sinal evidente da vontade de Eptácio Pessoa em promover novas reformas no Distrito Federal, visando a realização da Exposição do Centenário da Independência. Deste modo, entendemos que a nomeação de Carlos Sampaio a Prefeitura do Distrito Federal deve ser entendida a partir da confluência destes fatores.

Ao assumir a Municipalidade, Carlos Sampaio apresentou quais seriam as prioridades que iriam nortear a sua gestão de apenas dois anos.

A minha vida pública pode e deve ter mostrado todos os meus defeitos, mas uma qualidade não se pode negar: é de que eu seja um homem de ação. O momento presente é de ação porque é essencial dar a cidade o asseio indispensável; coparticipar tanto quanto possível com o Governo Federal para o seu saneamento; terminar as obras de embelezamento desta cidade na qual a natureza encarregou-se de formar o quadro mais lindo seria possível imaginar-se; e pôr em prática outros melhoramentos que, por um lado, permitam melhorar o que a arte humana não tem conseguido pôr a altura da beleza natural, e, por outro lado, sejam elementos lucrativos para equilibrar o sistema financeiro do município, que, como foi demonstrado pelo minucioso trabalho do distinto Prefeito que venho substituir, não é dos mais lisonjeiros, longe disso, é até dos mais precários (SAMPAIO, 1924: 1)

Carlos Sampaio se apresentou apontando que a sua gestão seria pautada pelos melhoramentos necessários para a realização dos festejos do Centenário da Independência, que seria realizado em 1922. O engenheiro não fazia parte da Aliança Republicana e do Partido Republicano do Distrito Federal (PINTO, 2011: 217), duas correntes políticas do Distrito Federal, e desse modo fortalecia o argumento que não estava administrando a Municipalidade como um político, mas como um técnico. Carlos Sampaio era reconhecido como um grande empresário e engenheiro, o que o habilitava

para realizar as obras necessárias para mostrar ao mundo o grau de progresso e civilização alcançados pelo Brasil.

O Jornal do Comércio assim noticiou a nomeação de Carlos Sampaio

O sucessor escolhido pelo Sr. Presidente da República é um engenheiro de grande reputação profissional e perfeitamente familiarizado com os problemas técnicos e outros que devem preocupar a atenção do Prefeito de uma grande cidade como a nossa. Estranho inicialmente a política local, está em condições de administrar o Rio, como se administram as grandes metrópoles que visitou e conheceu. Pode-se esperar de sua gestão um trabalho eficaz, de embelezamento crescente da cidade (...). O Sr. Carlos Sampaio com as suas preciosas qualidades de inteligência, de bom gosto, de energia e de superioridade, só não será um bom prefeito se não quiser. (Jornal do Comércio, 8 de junho de 1920, 4)

As principais ações de Carlos Sampaio na Prefeitura do Distrito Federal estavam inseridas na rubrica de melhoramentos urbanos, como por exemplo, a demolição do Morro do Castelo, o saneamento e embelezamento da Lagoa Rodrigo de Freitas e as obras de contenção das ressacas, que costumavam destruir parte da orla da cidade. A demolição do Morro do Castelo é o símbolo dos dois anos e meio de gestão do engenheiro a frente da Prefeitura do Distrito Federal. Esta obra foi realizada com a justificativa de melhorar a ventilação da cidade, embelezar a região central da cidade e abrigar a Exposição Internacional do Centenário da Independência.

A administração de Carlos Sampaio foi marcada pela inabilidade política do engenheiro de tentar dialogar com o Conselho Municipal. Em suas memórias, o prefeito não se arrependera: afirmou que ao ver que as discussões sobre as obras da cidade eram “intermináveis”, resolvera agir com firmeza e executar as obras conforme o “planejado inicialmente” (SAMPAIO, 1924: 18). Desta forma, apontamos o autoritarismo na condução dos projetos de remodelação urbana, o que era ainda mais potencializado com o fato das reformas terem alijado parte da população da tomada de decisões.

Um dos últimos atos de Carlos Sampaio como prefeito, foi a renovação do contrato de serviço telefônico que era prestado pela Light e alvo de críticas da população que tinha acesso à telefonia. A renovação gerou uma onda de críticas entre os representantes do Conselho Municipal que acusaram o prefeito de privilegiar a empresa

que o empregou durante um longo período. Ao término do seu mandato, Carlos Sampaio dirigiu-se ao presidente da República através de um ofício, que destacava as principais obras de sua gestão, afirmando que a Exposição do Centenário foi um sucesso, o que na visão do prefeito legitimava as medidas tomadas durante o seu governo (SAMPAIO, 1925: 69).

Após o fim da sua gestão, Carlos Sampaio publicou artigos e livros que defendiam as medidas tomadas durante a sua gestão. O intelectual utilizava o termo *obras reprodutivas* para se referir as obras que, realizadas por meio de empréstimos com bancos e investimentos, principalmente estrangeiros, tornariam determinadas regiões da cidade mais valorizadas graças às obras de saneamento, embelezamento e circulação.

Segundo Sampaio:

Sem ter anunciado programa algum de governo, e resolvido a agir de acordo com as circunstâncias, procurei, com o objetivo quase exclusivo de aumentar as rendas da municipalidade, pôr em execução uma série de obras que julgava produtivas e que seriam obras de saneamento, de viação pública, de facilidade de circulação; e que, se possível, concomitantemente concorressem para o aumento da área central da cidade para atenuar os efeitos das inundações a que estava sujeita uma outra parte, e para o seu embelezamento geral (SAMPAIO, 1925: 67-68).

O engenheiro afirmava que os melhoramentos urbanos de sua gestão melhoraram o problema da insalubridade, como o despejo do esgoto nas ruas. O embelezamento da cidade se fazia necessário para tornar a urbe mais agradável e mais bonita para a população e os visitantes que iriam conhecer a cidade, que estava se consolidada como vitrine do Brasil.

Após o fim da sua gestão, Carlos Sampaio passou a se dividir entre o Distrito Federal e Paris. Mesmo na Europa, o engenheiro continuou a participar dos debates sobre as reformas urbanas e a defender a sua gestão através da publicação de artigos em jornais e livros. Em 19 de setembro de 1930, Sampaio faleceu em decorrência de uma hemorragia cerebral, em Paris.

O livro *Memória Histórica*, de 1924, é uma coletânea composta de artigos, textos e discursos datados a partir de 1920, que sintetiza a visão de cidade defendida por Sampaio para justificar os empreendimentos realizados. Entendemos que este livro foi

um dos meios privilegiados por Carlos Sampaio para afirmar que ele sabia o que estava propondo para a cidade.

Publicado em 1925, o livro *Discursos e Notas*, abarca uma coletânea dos discursos proferidos por Carlos Sampaio no período em que foi prefeito, também contando com alguns pequenos artigos sobre temas que permeavam a gestão do prefeito como, por exemplo, a opção pela demolição do Morro do Castelo.

O livro *Ideias e impressões*, de 1929, é uma compilação de entrevistas concedidas por Carlos Sampaio ao periódico *O Jornal*, no ano em que o livro foi editado. Conforme o título sugere, durante a entrevista o engenheiro transmitiu as suas impressões acerca de temas de teor político e econômico.

Carlos Sampaio criticou, neste livro, as propostas de Alfred Agache, urbanista francês contratado, em 1927, para propor um plano urbanístico para o Distrito Federal. Ao criticar o urbanista, Sampaio reafirmou que a engenharia brasileira era capaz de criar o caminho necessário para levar o Brasil para o rol das nações civilizadas e, também, para mostrar que as medidas tomadas durante a sua administração haviam sido corretas, afinal, ele detinha os conhecimentos necessários para pensar as mudanças na cidade.

As visões sobre Carlos Sampaio: algumas leituras

Após termos apresentado a trajetória de Carlos Sampaio, daremos destaque para as homenagens e trabalhos que nos ajudam a compreender como o engenheiro foi descrito por seus contemporâneos e também de qual forma as pesquisas acadêmicas contribuem para a construção/consolidação de uma memória sobre Sampaio. Os dois primeiros textos sobre Carlos Sampaio são homenagens e por isso possuem função laudatória, ou seja, tem como função principal dar traços de “heroísmo” a Sampaio, sem buscar relativizar as suas ações.

No bojo das comemorações do Centenário da Independência, o *Jornal do Commercio* publicou um artigo em 7 de setembro de 1922, em que além de tratar das obras realizadas pela Prefeitura, sob comando de Carlos Sampaio, buscou apresentar a trajetória de Carlos Sampaio. Cabe destacar que o referido periódico declarou apoio a Sampaio desde a sua nomeação, apresentando Sampaio como um engenheiro de grande reputação profissional e familiarizado com os problemas técnicos da cidade. Outro

apontamento importante feito pelo periódico sobre a nomeação de Carlos Sampaio foi o caráter técnico e não político da escolha do presidente.

Com o título *A obra grandiosa do prefeito Carlos Sampaio*, o *Jornal do Commercio* buscou apresentar o engenheiro como um emérito administrador, capaz de realizar um conjunto importante de obras. O título do artigo é explícito ao sugerir a importância do prefeito para a realização de grandioso empreendimento durante a gestão na Prefeitura, se referindo a demolição do Morro do Castelo. Segundo o periódico:

A cidade tem em todos os seus bairros e em outros variadíssimos pontos de sua área o sinal fulgurante desse emérito administrador (...). Em dois anos e meio – que tão pouco dura a administração Carlos Sampaio – quanta obra majestosa e útil, que gigantesco e proveitoso trabalho. O Rio de Janeiro não será indiferente ao seu grande filho e ousado transformador e nos Annaes de suas supremas grandezas guardará o nome do Dr. Carlos Cesar de Oliveira Sampaio, como daqueles imperecíveis símbolos que fazem a gloria de uma nacionalidade. (Jornal do Commercio, 7 de setembro de 1922, p.4)

Segundo o jornal, os habitantes do Distrito Federal não poderiam ser indiferentes ao *ousado transformador* da cidade, apresentando Carlos Sampaio como *símbolo da glória da nacionalidade*. Apoiador incontestado da gestão do engenheiro, o *Jornal do Commercio* buscou ressaltar a importância de Sampaio para a demolição do tradicional morro do Castelo, apontando que seria graças a ação de Sampaio que os brasileiros poderiam demonstrar a energia, vitalidade e concepção firme para a realização de grandes empreendimentos, que seriam motivos de orgulho nacional.

O artigo buscou representar Carlos Sampaio como um engenheiro ilustre, de cultura pouco vulgar, viajado e conhecedor das necessidades do país e aparelhado para poder fazer confrontos com o que há de melhor no estrangeiro. Com isso, Sampaio foi apresentado como detentor de uma capacidade técnica capaz de realizar a demolição do Castelo, não sendo a obra fruto de improviso, mas sim planejada e executada por um profissional habilitado. Importante ressaltar que o periódico também destacou a importância dos conhecimentos do engenheiro para a realização de outros projetos de melhoramentos, como o embelezamento do morro da Viúva e o saneamento da Lagoa Rodrigo de Freitas.

O segundo relato biográfico sobre Carlos Sampaio foi produzido pela *Revista do Clube de Engenharia* em ocasião do centenário de nascimento do engenheiro, em 1961.

Este tipo de homenagem era comum nas páginas da Revista, e o encarregado por escrever o texto foi o engenheiro civil Ismael Coelho de Souza (Rio de Janeiro, 1887-1874), que demonstrou orgulho em se apresentar como um grande amigo de Carlos Sampaio. Segundo Souza, o trabalho foi escrito com a ajuda de outros sócios do Clube de Engenharia, porém estes colaboradores não são citados durante o artigo. O principal objetivo da homenagem era engrandecer a imagem de Carlos Sampaio, contribuindo para a construção da imagem de grande homem do engenheiro.

Ismael Souza se reconhecia como discípulo de Carlos Sampaio, por ter sido seu aluno e ter mantido uma longa relação de amizade e companheirismo. O texto de Ismael Souza é caracterizado por um tom pessoal, que buscou marcar a trajetória de Sampaio de forma linear, dando vultos a seus mais importantes feitos, apontando a notabilidade do Sampaio. Ismael Souza atribuiu grande importância a trajetória profissional do engenheiro como professor da Escola Politécnica, tendo em vista que este foi o local onde os dois se encontraram, iniciando assim seus relacionamentos.

Na publicação realizada pela Revista do Clube de Engenharia, a trajetória de Carlos Sampaio como professor ganhou destaque: o engenheiro foi nomeado professor da Politécnica em 1882, sendo Ismael Souza aluno de sua primeira turma. Souza descreve o professor Sampaio da seguinte maneira:

Carlos Sampaio foi talvez o mais completo professor que conheci e dos homens mais inteligentes com que tenho tratado. Era o professor perfeito, claro, didata, cordial, amável, mas severo no julgamento. Não reprovava pelo prazer de reprová-lo. Desejava que seus discípulos soubessem de alguma coisa e nisso era irredutível, não promovia ninguém. (Revista do Clube de Engenharia, Edição 361, 1961, p.92)

Ao relatar a aprovação de Sampaio para a Escola Central, Souza destacou a inteligência do engenheiro e a força de vontade para se tornar apto a diferentes matérias, tendo em vista que o concurso previa os conhecimentos necessários de matemática, mas também de outras matérias, como navegação, balística, artilharia, natação, esgrima, dentre outros. Souza afirma que Carlos Sampaio destacou-se de tal maneira, que não houve classificação do segundo e terceiro lugares, sendo Sampaio classificado de forma unânime pela Congregação.

Ao retomar a relação de amizade entre Paulo de Frontin e Carlos Sampaio, Ismael Souza apresenta observação semelhante a realizada pelo Jornal do Commercio,

em 1922: Na visão de Ismael, Sampaio prestou a cidade do Rio de Janeiro grande quantidade de serviço, sendo necessário o reconhecimento da importância da administração de Sampaio como prefeito do Distrito Federal.

Dando prosseguimento ao seu relato biográfico sobre o engenheiro, Ismael de Souza apresenta de forma breve a trajetória profissional de Carlos Sampaio, apontando os cargos que foram ocupados e os empreendimentos realizados. Destaca que em janeiro de 1920, já assumia posição de destaque no Brasil, recebendo convites do presidente da República para representar o país em conferências realizadas no exterior e assumindo o cargo de Prefeito, em 1920. Segundo Souza, Sampaio “fugia” de cargos políticos e da administração pública, mas se viu impossibilitado de recusar o pedido feito pelo presidente.

Ismael de Souza expôs que Carlos Sampaio era altamente capacitado para assumir a Prefeitura e resolver os problemas da cidade, tendo em vista, que estudava os problemas da cidade há anos, tendo encontrado solução para os problemas mais urgentes. Percebe-se claramente que Souza apropriou-se e reproduziu de argumentos utilizados por Carlos Sampaio em sua defesa da gestão no livro *Memória Histórica*, devido à similaridade de argumentos e disposição das ideias, como por exemplo, a defesa das obras reprodutivas que embelezariam a Capital e aumentariam a arrecadação da Prefeitura.

Por fim, Ismael de Souza apontou que Carlos Sampaio era visto como um prefeito presente nas obras, sempre disposto a saber sobre o andamento dos empreendimentos, sendo cordial e gentil com os funcionários das obras. Também destacou o fato de Sampaio estar aberto para debater os projetos que lhe eram apresentados, não sendo fechado para ideias advindas de outros engenheiros.

Cabe destacar nesta comunicação que as ações empreendidas por Carlos Sampaio não são tão lineares como foram apresentadas nas homenagens apresentadas neste trabalho. Ao se debruçar sobre a gestão de Carlos Sampaio, Carlos Kessel e Surama Pinto apontam a relação conflituosa do engenheiro com o Conselho Municipal, o que nos leva a refletir sobre o autoritarismo das medidas tomadas por Sampaio. O autoritarismo de Sampaio é marcado pelo confronto direto do prefeito e os intendentes, tendo Carlos Sampaio se recusado a esperar as tramitações de questões relativas as

obras, resolvendo agir segundo suas convicções, segundo o próprio afirmou em sua Memória Histórica.

Este artigo teve por objetivo apresentar duas abordagens que privilegiaram a trajetória de Carlos Sampaio, que tinham por objetivo criar referenciais importantes sobre a memória construída sobre Sampaio. Tal criação positiva foi influenciada pela ação do biografado, tendo em vista que o *Jornal do Commercio* era parceiro da Prefeitura do Distrito Federal, sendo a tipográfica do periódico a responsável por publicar os anais da Prefeitura. Isso demonstra que o *Jornal* estava legitimando as ações do governo que ele apoiava.

No caso da homenagem escrita pelo Ismael de Souza, é importante perceber que a escolha de um amigo para escrever uma homenagem é sintomática do desejo de construção de uma memória heroica dos leitores sobre o engenheiro. Sendo esta memória importante para a legitimação de sua ação como prefeito, que foi alvo de diversas críticas dos contemporâneos, como por exemplo as feitas pelo sucessor de Carlos Sampaio na Prefeitura, o também engenheiro Alaor Prata (1882-1964).

Por fim, acreditamos ser importante apresentar a trajetória de Carlos Sampaio sem esquecer os múltiplos campos em que ele atuou: formado inicialmente em engenharia, o personagem tema deste trabalho foi professor, empresário e intelectual, que representou um projeto modernizador das classes hegemônicas na Primeira República, que estava pautado pela importância das reformas urbanas na adequação do país aos ideais de civilização e progresso.

Fontes

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1922.

SAMPAIO, Carlos Cesar de Oliveira. *Discursos e Notas*. Rio de Janeiro: Typografia da S. A. Gazeta da Bolsa, 1925.

_____. *Ideias e impressões*. Artigos publicados em “O Jornal” e “Gazeta da Bolsa”. Rio de Janeiro: Gazeta da Bolsa, 1929.

_____. *Memória Histórica*: Obras da Prefeitura do Rio de Janeiro, 8 de junho de 1920 a 15 de novembro de 1922. Lisboa: LUVMEN, 1924.

SOUZA, Ismael Coelho. Centenário de Carlos Sampaio. *Revista do Clube de Engenharia*. Edição 361, ano 1961, p. 91-94.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, André Nunes de. *Da Monarquia à República: um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906*. Rio de Janeiro: PUC, 2003 (doutorado em História).
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical. A renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do Século XX*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992.
- BERMANN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica: In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina; (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Edição e Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 3.
- KESSEL, Carlos. *A vitrine e o espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio*. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, DGPC, AGCRJ, 2001. (Memória carioca; v. 2)..
- KROPF, Simone Petraglia. Os construtores da cidade: o discurso dos engenheiros sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX. *Projeto História*. São Paulo, v. 13, jun. 1996. p. 179-187.
- MARINHO, Pedro. O Instituto Politécnico Brasileiro: em busca de um lócus para a nascente engenharia civil no Brasil imperial. IN: GESTEIRA, Heloisa Meireles, CAROLINO, Luis Miguel e MARINHO, Pedro (orgs.). *Formas do Império: ciência e tecnologia e política em Portugal e no Brasil, séculos XVI ao XIX*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PINTO, Surama Conde Sá. *Só para iniciados...o jogo político na antiga capital federal*. Rio de Janeiro: Mauad X Faperj, 2011.
- SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: Idem (org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle-Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. V. 3.
- TELLES, Pedro Carlos da Silva. *História da engenharia no Brasil*. Rio de Janeiro: Clavero Editoração, 1994. 2 v.
- TURAZZI, Maria Inez. *A euforia do progresso e a imposição da ordem: a engenharia, a indústria e a organização do trabalho na virada do século XIX ao XX*. Rio de Janeiro. 1ª ed. São Paulo: UFRJ, Marco Zero, 1989.
- WEID, Elisabeth von der. O advento da Companhia (1900-1912). IN: LAHMEYER, Eulália Maria & LEVY, Maria Bárbara (coord.). *Estudos sobre a Rio Light*. Rio de Janeiro: Instituto Light/ Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2008.